

## Vivendo, escrevendo e reescrevendo a vida: Encontros intergeracionais



*Divina de Fátima dos Santos*  
*Ceneide Maria de Oliveira Cerveny*  
*Nadia Dumara Ruiz Silveira*

**E**ste artigo apresenta reflexões que resultam de estudos anteriores realizados com objetivo de analisar as repercussões do ato de escrever e trocar cartas entre crianças e idosos. As observações e dados coletados em pesquisa de campo com sujeitos pertencentes às faixas etárias da infância e da velhice confirmaram a hipótese de que esta prática assim como os encontros intergeracionais são vivências benéficas no sentido de favorecer a estabilidade emocional, melhorar da saúde e promover uma maior qualidade de vida, não apenas dos envolvidos no processo de escrita compartilhada como também de seus familiares. Este estudo tem a intenção de contribuir para aprimorar práticas existentes e subsidiar a idealização de novas propostas que permitam reescrever a vida em convivência.

A princípio, escrever e trocar cartas com outras pessoas na atualidade parece coisa ultrapassada e fora de moda, principalmente quando à nossa volta nos deparamos com inúmeros aparatos tecnológicos de um mundo digital. Quando o assunto é tecnologia, o fascínio desencadeado por computadores e celulares

entre pessoas de diferentes idades é cada vez maior e a adesão às redes sociais e à *internet* é, muitas vezes, incontrolável.

Sabe-se que a comunicação esteve sempre presente na vida do ser humano de diferentes formas. Ao longo do tempo, a maneira de comunicar-se foi se alterando e se aprimorando. Novos recursos foram aos poucos incorporados ao processo comunicativo agregando-se à tecnologia cada vez mais rápida e eficiente. Assim, desde o primeiro registro feito pela humanidade em cavernas até o sucesso da *internet* e das redes sociais de hoje, tudo que o ser humano deseja é que suas marcas, seus sinais (palavras) façam sentido para seus interlocutores.

Mas, qual é o sentido de se escrever cartas nos dias de hoje se a tecnologia e as redes sociais são mais rápidas? Acreditamos que tudo o que boa parte dos seres humanos deseja é comunicar-se com outros seres humanos, independentemente da ferramenta escolhida para que esse processo seja realizado. Neste contexto, escrever cartas constitui-se uma das inúmeras maneiras possíveis de entrar em contato com outras pessoas com as quais podemos iniciar ou manter um relacionamento.

Saber que existe alguém interessado em palavras e histórias de vida, e ter certeza de que não se está sozinho no mundo é, sem sombra de dúvidas, importante para os seres humanos. Neste sentido, os encontros intergeracionais realizados por meio da troca de cartas entre idosos e crianças vêm se mostrando um excelente recurso para aproximar gerações e resgatar a autoestima de seus interlocutores, já que vivemos numa sociedade cada vez mais complexa e segregada.



Poucos são os espaços públicos destinados à promoção e ao convívio intergeracional e, na maioria das vezes, o convívio entre pessoas de diferentes idades ocorre apenas no âmbito da família. Geralmente o que encontramos são

espaços divididos por faixa etária de idades (Ferrigno, 2009). Esse isolamento geracional tem provocando certa intolerância entre as pessoas devido ao desconhecimento que uns têm sobre os outros, mas essa situação pode ser superada como revela uma idosa: *“Você não faz ideia da alegria que sinto quando recebo a carta desta menina. Ela me mostrou que vale a pena continuar vivendo”*. Este foi um depoimento dado por uma senhora de 75 anos de idade, que atualmente participa do projeto “Encontro de Gerações” no litoral norte de São Paulo. Seu relato revela a força da ressonância das palavras trocadas entre ela e sua correspondente e o significado da troca de cartas na vida desta idosa.

O projeto “Encontro de Gerações” baseia-se em trocas mensais de correspondências entre idosos que frequentam um centro de referência para a terceira idade de Caraguatatuba, São Paulo, com crianças na faixa dos 10 anos que são estudantes do ensino fundamental da rede municipal de ensino da mesma cidade.

Escrever cartas não é novidade na maioria das escolas em nosso país, pelo contrário, é um recurso pedagógico muito utilizado no ensino formal e com o objetivo de promover a melhora das habilidades de leitura e de escrita. Contudo, essa prática pode ser ampliada incorporando outras possibilidades de modo a promover um encontro entre os correspondentes resultando em impactos consideráveis na qualidade de vida deles.

Essa prática demonstra que é possível, portanto, implementar propostas no sentido de inovar e tornar esta experiência mais real e interessante para os participantes. Assim, além do significativo desenvolvimento escolar das crianças, a atividade de troca de cartas possibilita uma aprendizagem que se dá por meio de pessoas diferentes do seu convívio, seja ele, social, econômico, étnico ou geracional. A autoestima e o sentido de autoria dos envolvidos de modo a se apropriar da escrita também são desenvolvidos.



Escrever uma carta ativa a imaginação tanto das crianças quanto dos idosos. Embora pareça um paradoxo, escrever dá “vida” e significado a um pequeno pedaço de papel tecnicamente sem valor, além de tornar presente os ausentes. A carta pode, adicionalmente, estimular a memória visto que nela, muitos idosos escrevem sobre suas experiências passadas, contando histórias e acontecimentos de sua infância ou desafiando os pequenos a fazerem comparações entre passado e presente, e com isso permitindo aos mais jovens refletir sobre o mundo que o cerca.

Os interlocutores, tanto no momento de escrever como quando recebem suas respostas necessitam trabalhar diferentes sentidos que envolvem a elaboração

de uma resposta, a forma sobre como o assunto deverá ser transcrito no papel e a letra que é uma marca pessoal de cada indivíduo.

Segundo Melo (2008), existe uma quantidade de coisas que exploram a imaginação e os sentidos básicos dos interlocutores na elaboração de uma carta, como a cor do papel, a espessura, a existência de desenho, o tipo de letra, o estilo, a estética e, principalmente, o conteúdo a ser escrito já que a carta é pessoal. Além disso, existem emoções e sentimentos nas palavras escritas e que terão diferentes impactos no receptor, portanto, é necessário pensar no outro.

Diferentemente da comunicação realizada nos computadores, celulares e redes sociais, cuja interação ocorre de forma praticamente instantânea, a carta exige certo ritual, uma vez que além do assunto a ser trabalhado, faz-se necessário tomar de iniciativas como providenciar o envelope, selos, levar ao correio e esperar pela resposta. Dessa forma, a troca de cartas desenvolve habilidades como a paciência e controle da ansiedade pela espera da resposta, qualidades que deveriam ser estimuladas nas crianças de hoje.

A implantação desse projeto exigiu que se trabalhasse preliminarmente com alguns mitos, além da quebra de pré-conceitos, já que de modo geral, existe a crença de que crianças não são capazes de compreender ou ensinar uma pessoa adulta ou mais envelhecida que ela, o que foi fortemente evidenciado no início desta proposta de trabalho. Contudo, segundo Oliveira (1999), o saber não é unilateral e o ensino, portanto, não é uma simples passagem de conhecimento dos mais velhos para os mais novos. Ao contrário, ensinar pressupõe a coexistência entre pessoas de diferentes idades e gerações compartilhando suas experiências de vida, o que requer movimento, renovação e troca. Assim, não importa a idade dos envolvidos na relação já que todos aprendem e ensinam (Santos, 2010).

Contrariamente à ideia de conceber a fragilidade como característica da criança, constatamos que ela possui a força e a alegria de viver que contagia as pessoas mais velhas (Oliveira, 1999). Foi exatamente isso que notamos em nosso trabalho, pois muitos idosos manifestaram grande envolvimento não apenas com os escritos das crianças, mas também com as dobraduras, desenhos e mensagens encontradas nos envelopes. Além disso, elas estimularam a autoestima e o imaginário dos idosos que se sentiram respeitados por seus correspondentes.

Vale lembrar que muitos idosos sentem-se excluídos e marginalizados por serem velhos, inclusive dentro de suas próprias famílias; pelos estigmas existentes são considerados ultrapassados e sem valor. Ao participar da escrita de cartas e corresponder-se com as crianças sua autoestima conquista novos sentidos, uma vez que se assumem como pessoas que desejam e são desejadas novamente, portanto vivos, pois suas narrativas são esperadas e suas histórias de certa forma fazem sentido para as crianças uma vez que manifestam interesse em saber mais sobre suas vidas.

A experiência de troca de cartas de cunho intergeracional tem se mostrado como um recurso favorecedor da formação do idoso como agente de transformação social, visto que as diferentes gerações se envolvem, se aproximam e interagem, modificando-se.

Essa atividade ajuda a implementar, portanto, o artigo 1º (incisos II e III) da Constituição Federal, que faz referência à cidadania e à dignidade humana como um dos seus Princípios Fundamentais, afirmando que todos os brasileiros têm direito à saúde, à educação, à liberdade, à segurança, ao bem-estar, a frequentar a sociedade e a ser cuidado, respeitado e amparado.

É importante lembrar que no mundo atual e, principalmente, nas grandes metrópoles existe uma dificuldade de convivência entre as diferentes gerações. Essa dificuldade de convívio, muitas vezes, é reflexo de uma sociedade complexa que exige uma participação intensificada gerada pelas exigências do mundo capitalista do consumismo.

No ambiente familiar, os pais necessitam trabalhar muitas horas por dia e possuem pouco ou nenhum tempo para conviver com seus filhos. Já as crianças e os jovens passam a maior parte do tempo convivendo com outras pessoas das mesmas idades que eles. Os avós nem sempre residem próximos às casas de seus netos e muitos deles se mantêm ativos profissionalmente também. Verifica-se, assim, um distanciamento inclusive entre os membros das próprias famílias (Ferrigno, 2003; Santos, 2010).

Talvez seja esse um dos motivos de nos depararmos com um grande número de pessoas, mesmo com toda conectividade do mundo digital, que se queixam de solidão, ao mesmo tempo em que se sentem incompreendidos. Há necessidade de que as pessoas conheçam outras pessoas e interajam entre si, compartilhando coisas em comum e sentindo-se ouvidas e valorizadas.

No momento em que uma pessoa transforma seu pensamento em linguagem escrita, de certa forma está trabalhando com o seu mundo interno. Assim, pode se dizer que esse movimento provoca um processo de integração entre os aspectos cognitivos e emocionais. Ou seja, a emoção é expressa por meio da escrita e nesse momento, a pessoa tem a possibilidade de fazer uma autoreflexão e reorganização do próprio evento, que vai muito além da simples revelação do sentimento de forma espontânea (Figueiras e Marcelino, 2008).

Quando o indivíduo escreve sobre suas emoções e sentimentos identificando alguns obstáculos e dificuldades, ele de certa maneira parece facilitar seu próprio ajustamento diante da experiência vivida, e isso ocorre de forma inconsciente independentemente da idade. São situações como essa que temos presenciado nos trabalhos intergeracionais realizados por meio da troca de cartas.

Os encontros intergeracionais ocorridos pela troca de cartas têm um significado que vai além das palavras escritas no papel. No momento de receber a carta, notamos que cada pessoa tem uma reação e, no caso de muitos idosos,

encaram esse momento como se estivessem recebendo um presente muito valioso. Uma das idosas participantes chegou a dizer que a única pessoa que se lembrou de seu aniversário foi sua correspondente: “*Ela foi sensível e delicada, pois desenhou um bolo e cantou [na carta] parabéns para mim. Nem meus filhos se lembraram do meu aniversário, mas minha menina lembrou*”.

Uma relação profunda entre crianças e idosos como a do exemplo acima, pode fazer que esta interação ocorra num processo de reciprocidade de sentimentos e estimulações desejáveis, ou seja, as palavras e os gestos de um tocando e mexendo com o outro e vice-versa, promovendo respeito e admiração entre ambos.

“Eu gosto muito de escrever as cartas. Eu trabalhei em escola como inspetora de alunos antes de me aposentar. Era uma grande alegria! Hoje, eu encontro com aquelas crianças que já são pais e, eles mexem e brincam comigo. Então, quando escrevo a carta, eu me lembro desse tempo e me alegro. Fico feliz! Eu revivo esse tempo”.



O depoimento acima vai de encontro a concepções de pesquisadores como Pennebaker e Beall (1986), para quem a escrita funciona como um recurso de ressignificação de si e dos outros pela influência no comportamento das pessoas, uma vez que passam a acreditar mais em si mesmas, aumentando sensivelmente a sua autoestima. Os relatos escritos por uma pessoa sobre determinados eventos podem revelar sentimentos e significados e, dessa forma, auxiliar na compreensão das experiências e dos conteúdos emocionais importantes para o sujeito, tendo grande impacto na promoção da sua saúde e da sua qualidade de vida.

Este estudo permitiu constatar a necessidade e importância de se incentivar projetos que promovam trocas intergeracionais, como é o caso da proposta do “Encontro de Gerações”.

*Data de recebimento: 05/09/2012; Data de aceite: 10/09/2012.*

## Referências

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 1988.

Ferrigno, J.C. (2003). *Co-educação entre gerações*. SESC / São Paulo: Cortez.

Ferrigno, J.C. (2009). Educação para os velhos, educação pelos velhos e a co-educação entre as gerações: Processos de educação não formal e informal. *In*: Park, M.B.; Groppo, L. A. (org). *Educação e Velhice*. Holambra/SP: Setembro.

Figueiras, M.J.; Marcelino. (2008). D. *Escrita terapêutica em contexto de saúde*. Lisboa: Instituto Piaget.

Melo, F.F.S. *Cartas: Uma possibilidade para o ensino do pensamento fenomenológico*. São Paulo: PUCSP, 2008. Tese de Doutorado.

Oliveira, P.S. *Vidas Compartilhadas: Cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. (1999). São Paulo: Hucitec/ Fapesp.

Santos, Divina F. *Relações Intergeracionais: Palavras que estimulam*. São Paulo: PUC-SP, 2010. Dissertação de Mestrado.

Pennebaker, J.W.; Beall, S.K. (1986). *Confronting a traumatic event: Toward an understanding of inhibition and disease*. Journal of Abnormal Psychology.

---

**Divina de Fátima dos Santos** - Psicóloga, Pedagoga, Mestre em Gerontologia pela PUCSP e Doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica pela PUCSP, Coordenadora do Projeto “Encontro de Gerações” que ocorre no litoral norte do estado de São Paulo. E-mail: <http://divinamultiply.blogspot.com.br>

**Ceneide Maria de Oliveira Cervený** - Doutora em Psicologia Clínica e Mestre em Psicologia Social pela PUCSP, Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP. E-mail: [ceneidecervený@gmail.com](mailto:ceneidecervený@gmail.com)

**Nadia Dumara Ruiz Silveira** - Pedagoga, Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Docente e pesquisadora da Faculdade de Educação e do Programa de Estudos Pós Graduados em Gerontologia da PUCSP. E-mail: [ndrs@uol.com](mailto:ndrs@uol.com)